

1973



centro cultural e de esp
 ortivo oc carlos de souz
 anazareth sesc sesc
 sições • exposições

Aparecida - S. Paulo - 5.9.73

Aparecida R. Ozilo
 S. Paulo 73

Quando, com dois anos de idade, saiu de Brodóski, não poderia conceber duas coisas: que seria pintora e que sua cidade natal ficaria famosa graças a um pintor. Voltou com 18 anos para ver a capelinha de Portinari como se praticasse um ritual de reencontro da menina exilada com o mestre que, sob o céu de sua infância, criou uma das matrizes da pintura brasileira e universal.

O pai era baiano, soldado da Força Pública paulista e a mãe filha de português. A avó paterna, índia, chamava-se Tiburtina. Carlinhos Rodrigues, irmão de Augusto Rodrigues, chama Aparecida de "bugre". Passou a infância e a adolescência na Alta Paulista, entre Marília e Vera Cruz, mas principalmente em Vera Cruz, onde ficou 14 anos e onde completou 20 anos. Em 1950, no Rio, em casa de Graciliano Ramos, conheceu o seu marido, Raul Azedo Netto e casaram-se em 1952. O primeiro filho nasceu em São Paulo, mas mudaram-se para o Rio quando o menino tinha um ano.

Nos intervalos da vida familiar desenhava bordados, pintava tecidos e a arte era sua pulsação íntima e doméstica.

Mas a vocação era tão imperiosa que resolveu estudar. Triste decepção, no Liceu de Artes e Ofícios, entre 1963 e 1964, copiando estátuas de gesso.

Foi quando encontrou Ivã Serpa. Ivã olhou os desenhos e pinturas de Aparecida e disse que ela iria realizar coisas.

Não registra o que vê, da maneira como ele é oferecido. Modifica, elimina uma montanha, acrescenta árvores, jogando livremente com o modelo. Desenhou os jardins de Burle Marx no Aterro da Glória, mas fez outros jardins. Trabalha com óleo, guache, aquarela, usando a técnica aguada, sobre tela, duratex, papel, madeira e até jornal. Aproveita o branco da tela como recurso expressivo. Está fazendo experiências com a pintura em jornal, partindo da matriz preta e branca do anúncio. Deu, com auxílio de amigos, um nome a essa prática: jornalarte. Só expôs uma vez, numa coletiva do Centro de Pesquisas de Arte, do Ivã Serpa e do Bruno Tausz, mas já vendeu muitos quadros e tem alguns, em São Paulo, na galeria do Pep's Bar, orientada pelo Clube dos Amigos dos Primitivos e Ingenuos (CAPI).

Aparecida pinta como se sonhasse, como se adormecesse, em longos haustos, no verão carioca, pinta como fala, como cria os filhos, como ama. Em vez do tricot, do crochet, do filet das mães antigas, ela desenha e pinta.

Francisco Luiz de Almeida Salles

São Paulo, setembro de 1973.

instituto de arte contemporânea

centro cultural ale de esp
ortivo carlos de souz
anazareth nse scsc

exposições • expos

no Centro Cultural e Desportivo
Carlos de Souza Nazareth
de 4 a 11 de setembro - 1973

Rua Dr. Vila Nova, 245 - São Paulo

SESC

serviço social do comércio

instituto de arte contemporânea

C. C. D. Carlos de Souza Nazareth

SESC
serviço social do comércio

aparecida
rodrigues
azedo

pertence aquela categoria de artistas para os quais o ato de pintar impõe-se como uma necessidade imperiosa, comparável à necessidade orgânica. Basta ouvi-la falar. Há uma alegria, uma certeza, uma simplicidade e um deslumbramento interior quando discorre sobre o que fez. É uma senhora da classe média, essa mulher que comigo conversa, mãe de seis filhos, quatro mulheres e dois homens o mais velho já com 20 anos e, o mais moço, com oito. Desenhou e pintou a vida inteira. Concluiu só o curso primário, onde ganhava 100 em desenho, mas o marido, jornalista, tinha biblioteca e, na sua convivência, aprendeu muita coisa, sem perder um jeito espontâneo, autêntico e simples, que me lembra os meus primeiros contatos com Djanira. E como Djanira, que nasceu em Avaré e só viveu no Rio, Aparecida, de Brodóski, vive há 20 anos no Rio, entre Lins de Vasconcelos e Grajaú, entre a floresta da Tijuca e os morros de pedra do Engenho Novo.